

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

ritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas têm viudo ao mundo.

1.ª S. João. IV, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

IV ANNO

PORTO, 16 DE JUNHO DE 1881

NUMERO 22

A divina origem do Christianismo

Uma investigação imparcial e séria do christianismo deve convencer a todos que a sua origem é divina, e que não podia ser cousa dos homens.

E' um facto incontestavel que o christianismo existe e que o seu fundador é Christo. Nós vivemos no anno do Senhor de 1881. Tambem é um facto historico que desde a sua origem data um grande melhoramento na condição material e moral do mundo. O christianismo pretende ser de origem divina e nunca tem feito a menor concessão a esta pretensão. Se não fosse o que pretende, seria falso, mas o mundo não aceita por 1800 annos como verdade um mentira ou uma illusão.

E' verdade que alguns facilmente se deixam illudir, e que aceitam historietas e fabulas como eventos historicos bem authenticados; mas estes não são espiritos fortes, bem educados e desenvolvidos, porém antes, sãoas victimas do seu falso systema, da sua educação superficial ou da sua religião corrupta.

A mentira não faz a guerra com exito feliz a tudo o que lhe faz a menor resistencia; não recebe a homenagem das mais altas intelligencias e dos melhores homens; não ganha em força pela opposição; e sobrevive por quasi dezenove seculos a todas as mudanças sociaes.

O christianismo hoje em dia está á testa das influencias que mais elevam a humanidade; ao passo que, onde o scepticismo apparece, a sociedade soffre, a moralidade desfallece, e a industria não se exerce para fazer novas descobertas ou conquistas. Chamar o christianismo illusão é irracional, e tão longe da verdade como as historietas dos padres catholicos.

Alguns tentaram explicar o grande successo do christianismo. Entre elles figura o historiador inglez Gibbon, um author não suspeito, que diz: que o seu successo é devido a cinco causas: ao zelo dos christãos, á sua doutrina de uma vida futura, aos poderes milagrosos que se diz que a igreja primitiva possuuiu, á sua pura e austera moral e á união dos crentes. Mas em vez de serem estas as causas do seu successo, são antes os resultados da excellencia da religião christã.

Os pagãos não se esforçaram por estender as suas

religiões, porque respeitavam todas as crenças, mesmo as das nações que venceram; e o judaismo era demasiado exclusivo para estender a sua religião.

D'onde então recebeu o christianismo a sua alta e significativa commissão: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a creatura? Hoje em dia faz a mesma opposição a todas as demais religiões e não quer admittir outra qualquer que seja.

D'onde obtiveram a sua concepção clara e positiva da vida futura, da immortalidade da alma, que o paganismo não conhecia, e que o judaismo não propagava!

D'onde obtiveram o conhecimento d'esta moral sublime e não-menos a força para obedecer os seus preceitos, especialmente em um seculo em que o imperio romano estava desfallecendo? e como conservaram elles a sua união e fidelidade ás suas doutrinas em uma epocha em que todas as escolas de philosophia eram divididas em pequenas seitas?

O christianismo deu nova vida a um mundo moribundo; e se não é o que pretende ser, então Christo e os seus discípulos foram ou entusiastas ou impostores.

Mas isto não póde ser admittido; porque nem um entusiasta, nem um impostor apresentariam o systema christão tal qual se acha escripto no Novo Testamento. E note-se que o scepticismo allemão declarou: que as epistolas do apostolo Paulo são genuinas e que foram escriptas antes do anno 60 da era christã, isto é 25 annos depois da morte de Christo.

Ignacio, bispo de Antiochia, o martyr que deu a sua vida pela verdade em 107, citou passagens de dous Evangelhos e de quatro Epistolas; e Polycarpo, seu companheiro, citou passagens de quatorze livros do Novo Testamento. Por isso o Novo Testamento existiu no primeiro seculo e n'elle acham-se a vida do fundador e as doutrinas do christianismo.

Se não é divino é falso, mas porque propagava elle taes doutrinas, se não foram de origem divina?

Um entusiasta não censuraria a todo o mundo; não chamaria a todos peccadores; que ninguem podia salvar-se senão pela crença n'elle; pelo contrario, lisonjearia as suas boas qualidades e assim tentaria ganhar o povo para a sua causa.

Mas Christo chegou á terra para salvar o homem dos seus peccados; bem sabia que o mal estava no coração humano, e que, a não ser que este fosse re-

gerado, a salvação da alma seria impossível. Elle não lisongeou a gente, mas chamou a todos para se arrependem e converterem a Deus.

Nem um impostor faria o que Jesus fez, porque não se importava com a influencia das principaes seitas: dos Judeus, Pharizeus, Sadduceos e Essenos; pelo contrario, condemnava-as, e fazia uma terrivel opposição a todo o systema judaico; offendia até o sentimento nacional, porque ia contra a idéa popular de um Messias, um príncipe temporal, que livraria a patria das mãos dos seus inimigos. Tambem prophetizava a destruição de Jerusalem e do templo, e que todas as nações tinham o mesmo privilegio de adorar a Deus em todos os lugares, em espirito e em verdade.

Porém não visitou os principaes paizes pagãos para espalhar a sua nova doutrina, e sim mandou aos seus discipulos, que pertenciam a uma raça aborrecida, para communicar-lhes a verdade.

Nunca assim procederia um impostor.

Mas uma vez que o christianismo é considerado a religião de Deus, não ha mais difficuldades, porque todas as cousas exteriores—a pompa e a vaidade mundanas, a protecção dos poderes civis, as ceremonias judaicas e a arrogancia pagã não têm nada que ver com o fim principal da missão de Christo que foi: se sacrificar-se pela salvação do mundo, e espalhar no mundo a historia da cruz, por meio da propagação do Evangelho.

Um impostor não fallaria da sua morte para captivar o mundo; o que poderia elle ganhar com o seu sacrificio voluntario? Se fosse impostor, o seu systema morreria com elle, e se fallasse da sua resurreição, em poucos dias a sua fraude seria bem conhecida.

E se os seus discipulos pretendessem introduzir uma nova religião que sabiam ser falsa, porventura, a haviam baseado sobre a morte na cruz de Jesus, que acabava de soffrer o supplicio de um escravo, o mais vergonhoso d'aquelle tempo, e immediatamente depois que os judeus aparentemente obtiveram a victoria sobre elle, crucificando-o? E proclamariam abertamente a sua resurreição na propria Jerusalem sabendo que era uma mentira?

De certo que não.

Mas ainda que Jesus regeitasse as addições humanas e abolia as ordenações leviticas e locaes do systema judaico, todavia conservou o essencial, a base do judaismo; de tal sorte que o Velho e Novo Testamento constituem a Biblia, e que, no principio, os pagãos consideravam o christianismo uma nova seita judaica.

E se os seus apóstolos fossem entusiastas ou impostores, porque teriam escripto o Novo Testamento? O que poderiam ganhar narrando a origem, o progresso e as doutrinas do christianismo? Fama? não, porque pouco fallam de si mesmos, e quando Matheus publicou o sermão no monte, producção que não tem igual em belleza, simplicidade magestosa e moralidade, diz que foi Jesus quem o pregou. Poder? não, porque não se filiaram a partido politico algum; os livros não contém cousa alguma para conferir distincção ou influencia sobre os seus autores e estes não esconderam os seus erros e culpas, nunca buscaram a sua propria gloria; nunca lisongearam pessoa alguma; e não tiveram odio a ninguem. Elles descreveram os factos como aconteceram, dando os nomes das pessoas, e o tempo e os lugares onde tiveram lugar. Fallaram dos Judeus, Romanos, seitas e tradições taes como existiam no tempo do historiador Josepho. Os vinte e sete livros do Novo Testamento foram escriptos por di-

versos autores, como João, Pedro, Paulo, Lucas ou Matheus, tratam da mesma cousa e não se contradizem, e todos tem um só fim, convencer o mundo que Jesus é o Christo, e que a salvação da alma depende da fé do peccador no sacrificio de Jesus na cruz do Calvario.

E os apóstolos estavam promptos e realmente de-ram a sua vida para sustentar os factos que publicaram e a verdade que pregaram.

Uma tal religião não foi originada no cerebro humano, e sim nos conselhos divinos.

P. C.

Cathechese dos Bugres pelos Jesuitas

«Que a mais zelosa catechese exercida sobre homens tomados no estado selvagem não conseguisse d'elles senão amansal-os, podia ter explicação e desculpa. Mas que os filhos, os netos e descendentes dos primeiros neophitos, nascidos, criados e educados sob a tutela dos padres, e com elles os proprios mestiços, que muita vez participavam de sangue europeu, conservassem tanto de boçaes, e nunca passassem d'aquella meia barbaria essencialmente favoravel á sujeição passiva, singularidade é que bem demonstra um plano e premeditação.»

Sobre facto, de si tão concludente, passa de leve o minucioso Bouthey com haver-se obstinadamente empenhado em defender os jesuitas, preocupado provavelmente com a idéa de que se o contrario fizesse o dariam de suspeito por ser protestante, não advertindo que o dever do historiador é não se mover de nenhum cuidado de si, mas unicamente escutar o que lhe dicta a consciencia ante o que os documentos lhe authenticam.

Esta, porem, é com effeito uma das mais graves provas contra o preconizado systema. Das artes mechanicas ensinavam os padres aos indios, aos seus indios, como elles com muita propriedade lhe chamavam, tudo o que nos estabelecimentos da companhia era necessario, e não só das artes mechanicas senão tambem dos mais altos misteres. Conseguiram assim fazer d'elles tecelões, pedreiros, canteiros, marceneiros, oleiros, alfaiates, e até esculptores e pintores. Não faltava, portanto, a estes catecumenos intelligencia susceptivel de todos os desenvolvimentos. Porque seria, pois, que em tudo o que n'outras esferas lhes podia allumiar a razão os deixavam como em perpétua infancia?

«Larga existencia tinham tido as missões sem nunca produzirem verdadeiros christãos. Phenomeno era com effeito. Nos primeiros seculos da igreja a doutrinação dos seus ministros havia rapidamente modificado as tribus dos vándalos e dos francos, não menos barbaros que os guarinis ou os bugres. D'onde procedia a renitencia d'estes? Com assombro se reconheceu que a prolongada catechese apenas implantára algumas praticas externas do Culto, não sem mescla da anterior idolatria, facilmente tolerada. Em vez da moral evangelica, tão comprehensivel por singela e natural, uma serie de lendas complicadas, em que só figuravam sanctos da Companhia, milagres da Companhia, e ostentosas demonstrações da omnipotencia da Companhia, tudo destramente afeiçoado ás grosseiras

crendices e rudimental imaginação de taes povos. Quaesquer bemaventurados, que não tivessem tido a fortuna de ser membros da sociedade, embora canonizados pelos pontífices, eram sem cerimonia expropriados do seu lugar no paraizo, em razão das rivalidades com os missionarios carmelitas e as outras ordens.

Pelo lado propriamente religioso os padres pouco mais tinham feito do que substituir-se aos feiticeiros das tribus, e a sua influencia era tanto maior quanto para isso os avantajavam singularmente os recursos da intelligencia e da cultura.

Quando o poder secular conseguiu, emfim, entrar nas missões, foi lá encontrar os multiplicados mecanismos do armazem de visualidades melhor provido. As imagens dos sanctos, com olhos, linguas e braços movediços, sem contar outros artificios, eram articuladas e preparadas como para todos os effeitos das phantaasmagorias scenicas.

A chimica e a physica, sciencias cultivadas sempre com singular esmero pela Companhia, cooperavam tambem para arraigar no espirito credulo da pobre gente, não as verdades amoraveis e consoladoras do christianismo senão a crença no poder sobrenatural dos seus directores. Dupla e sacrilega fraude que faria servir as mais nobres conquistas da razão à perpetuidade do erro, e os mais venerandos symbolos da fé ao sophisma d'ella!

Aos olhos dos rudes neophytos os padres tomavam o lugar de seus payas e pajés, ou feiticeiros e adivinhos, de quem tremiam como de outros tantos delegados favorecidos de uma divindade tremenda. O charlatanismo vulgar d'aquelles impostores boças ficava a perder de vista ao pé das artes de homens cultos. Isso facilitava as conversões, mais determinadas pelo receio do que nascidos da persuasão. Em realidade não se faria senão mudar de superstições, ou antes do objecto da superstição. Nos proprios vocabularios da lingua brasilica se conservam significativos indicios d'esta assimilação, feita no espirito dos naturaes entre os padres da Companhia e os nigromantes indigenas. Aquelles padres eram designados com o nome ue *payabunas*.

A famosa *Relacion historial*, do padre Juan Hernandez, é um dos monumentos mais singulares da extravagancia de invenções com que n'aquellas paragens procurava a Companhia seduzir a credulidade. A sua origem não pode ser confutada. Forjaram, escreveram, imprimiram, publicaram e autorisaram jesuitas este grosseiro tecido de fabulas, que jesuitas mesmo foram obrigados a confessar por fabulas, taes eram e a tanto haviam chegado. O padre Charlevoix, traduzindo a obra trinta annos depois de impressa e divulgada omitiu e dissimulou todas as circumstancias que lhe pareceram mais difficeis de digerir na Europa culta. E estava-se ainda em meos do seculo xviii!

Que demonstração haverá mais clara e expressiva do que este pio subterfugio?

Poderia aquelle ser efficaz ardil para lhanar as difficuldades, manter a influencia e segurar o dominio; mas verdadeira conquista religiosa, desenvolvimento civilizador, seguramente não era. Não era, pois que as gerações successivas, como aliás fôra natural, se não iam gradualmente distinguindo e enobrecendo pela proporcional intrucção e mais clara intelligencia das maximas salutaes da egreja.

D'ahi provem que ao fim de tantos annos de absoluta e exclusiva sujeição a Companhia os seus aldeamentos só apresentavam uma população que trocára a

fereza selvalica pelo embrutecimento da incommunicabilidade, e a energia inativa pelos pavores pueris, população sem faculdades de iniciativa, sem sentimentos da fraternidade, sem idéa de patria, vendada pelo erro, derrancada pela ignorancia, comprimida pelo artificio, enfastiada da uniformidade, e por isso mais saudosa de licença, incapaz em summa de viver por si, e por isso inhabil para dar futuros cidadãos.

(Mendes Leal. Nos *Apontamentos*, para a historia dos Jesuitas).

Consequencia do Atheismo

Ninguem, talvez, comprehende e poucos homens fazem idéa da extenção e apoio que a religião dá a toda a virtude. Ninguem sabe quanto os nossos sentimentos moraes e sociaes se saciam n'esta fonte, quão impotente não seria a benevolencia humana se não existisse o sentimento de uma benevolencia mais elevada para despertal-a e sustental-a; como havia de tremer o edificio social todo, e com um estrondo terrivel despedaçar-se em ruinas se a idéa de um Ente Supremo, de uma responsabilidade final e de uma vida além do tumulo, fosse inteiramente apagada do espirito de todo o homem.

Creiam os homens sinceramente que elles são a obra e passatempo do acaso; que nenhuma intelligencia superior não se importa com os negocios do homem; que todos os seus melhoramentos perecem com a morte; que para o fraco não ha protector, nem vingador para o injuriado; que não ha recompensa pelos sacrificios feitos à rectidão e ao bem publico; que o juramento não é recebido no céu; que o crime em segredo não tem testemunha senão aquelle que o commette; que na existencia humana não ha proposito, e que a virtude não tem um amigo inabalavel; que esta breve vida é tudo, e que a morte é uma extincção completa e sempiterna — emfim que abandonem completamente a religião, e quem poderá conceber ou descrever a desolação que d'ahi se segue?

Talvez podemos entreter a esperanza que as leis humanas e a sympathia possam sustentar a sociedade. Com tanta razão devemos acreditar que, se o sol fosse apagado do firmamento, as *nossas* luzes e as *nossas* fogueiras podiam dar vida e fertilizar a criação. O que ha na natureza humana para despertar respeito e ternura, se o homem é um insecto sem protecção e de um dia? E se o atheismo é a verdade o que mais é o homem?

Tiremos de uma sociedade todo o pensamento e temor de Deus, e veremos que o egoismo e a sensualidade tomariam conta do homem todo.

O appetite, sem restricções, a pobreza e a afflictão não tendo nem allivio nem esperanza, pizariam com desprezo nas restricções impostas pelas leis dos homens. A virtude, o dever, e o character seriam escarnecidos e enfeitados como sons loucos.

Um amor proprio vil tomaria o lugar de todo o outro sentimento, e o homem seria deveras o que as theorias do atheismo o declaram seria saber, um companheiro dos brutos!

CHANNING.

Uma missão na idade média

(Traduzido do Alemão do dr. Zeithé)

(Conclusão)

Todos queriam ouvir as outras histórias e consentiram no que elle pediu. O velho chefe deixou-se persuadir.—Póde ser que as palavras que acabou de ouvir lhe tocassem o coração, pois fallou n'estes termos: «Que seja assim, elle póde viver até lêr-nos tudo que ha no seu livro.» Ninguém se oppoz a esta decisão, e as cousas ficaram n'este pé.

Havia leitura do livro cada vez que os pagãos se reuniam para fazer sacrificios aos seus deuses. Póde se imaginar que o anão não se apressou em acabar a sua tarefa, porque quiz salvar a sua vida e tambem quiz impressionar seus ouvintes pagãos de tal modo que nunca havia de esquecer-se. Levou tanto tempo em explicar cada historia e fallou tanto do que já tinha lido que chegára o inverno quando acabou de lêr o Evangelho de S. Matheus. O povo não se podia reunir durante os longos mezes do inverno, quando a neve e o gelo entupiam os caminhos em muitas partes do valle, e não se podia continuar a leitura durante este tempo. Zaccheo ficou na choupana do bardo, ou sacerdote do povo, e durante este tempo triste lêu repetidas vezes para seu hospede, as lindas historias do seu livro. Nas suas poesias o bardo aproveitou bem de tudo que ouviu—fez novos versos, quando o verão chegou outra vez, cantou-os a seu povo reunido; e logo a linda historia da vida do Salvador soou em hymnos que os homens e as mulheres, bem como as criancinhas, cantavam enquanto trabalhavam nos prados verdejantes e nos pastos sobre os declives das montanhas.

Passado mezes, approximava-se o tempo quando o anão havia de acabar a leitura dos quatro Evangelhos. O bardo não ficava ocioso, ia de choupana em choupana, de pasto em pasto. Em muitos lugares ajuntava seus patricios e cantava para elles, os pastores e suas mulheres e filhos escutavam avidamente. Muitas vezes ficavam até á meia noite ao ar livre, na frente de suas casas, nas noites de luar, aprendendo os novos canticos, ou cantando-os alegremente. E' de supôr que tudo isto não foi em vão, porque sabemos que «a palavra de Deus é viva e efficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dous gumes.» (Heb 4: 12). Sabemos tambem que Elle diz que não tornará a Elle vazia. Zaccheo ensinou-lhe claramente que as historias no seu livro não eram fabulas, mas cousas que realmente aconteceram.

E o amante Salvador que chamou para si os tristes e cansados, que ajudava os pobres, e andava fazendo bem a todos, atrahia para si estes simples pagãos. Elles principiaram a sentir o amor admiravel que se abaixou tanto por amor de pobres peccadores. Suas palavras santas e consoladoras entravam de dia para dia nos seus corações escurecidos. Aprendiam a pensar do Salvador como «o varão de dores» que verteu seu sangue e entregou sua vida para salvar os peccadores e fazel-os filhos de Deus. E ainda que não podessem exprimir seus novos pensamentos, o amor divino do Salvador e a força irresistivel de seu Evangelho abriam devagar mas seguramente seus corações.

No entretanto uma inquietação secreta e profunda tinha-se apoderado do espirito do velho chefe, uma inquietação que não o deixava descansar de dia ou de noite. Elle lutava contra ella por muito tempo, mas tudo era em vão. Elle increpou-se amargamente por não ter observado as leis de seu povo, e por ter desprezado os costumes antigos de seu povo. Os deuses, pensava elle, de certo estavam irados por causa de sua desobediencia. Assim elle interpretou a inquietação de seu espirito, e não podia livrar-se d'esta ideia. Por tanto resolveu a exercer a sua autoridade, e acabar d'uma vez com o negocio. Já que o ultimo capitulo do Evangelho de São João foi lido em Zaccheo, elle mandou seu povo amarrar o livro ao pescoço e lançal-o n'uma fenda da geleira como sacrificio aos deuses. O povo não approvou a sentença, mas ninguem teve a coragem de oppor-se e de violar as leis mais sagradas e antigas da tribu resistindo ás ordens de seu honrado e temivel chefe. Tinham de executar as suas ordens. O livro do Evangelho foi amarrado ao pescoço do anão, e acompado por muitos elle foi conduzido á geleira Weisshorn para morrer. Para elle a morte não tinha terrores. Qual outro Estevão diante do Sanhedrim em Jerusalem, sua face estava como a de um anjo. Mesmo quando pensou tristemente de sua velha mãe, e das lagrimas d'ella, elle estava prompto não só para ficar preso, mas tambem a morrer pelo nome do Senhor Jesus. A triste comitiva caminhava devagar pelo valle; a cada passo ajuntaram-se a elles homens e mulheres que não tinham assistido á assemblea, para acompanhar na sua ultima viagem o homem que todos estimavam.

De vez em quando Zaccheo parava para descansar. Deste modo procurava continuar seu trabalho, o trabalho que elle veio emprehender, e pelo qual elle estava para dar a sua vida. Por isso fallava alegremente e testificava da fé do seu coração, e que não ha salvação em nenhum outro nome dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos sem o nome santo e amado de Jesus Christo.

O povo entristecia-se muito por seu amigo que ia soffrer uma morte penosa e infame. Mas os trovões da galeria gigantesca, sobre cuja extensão scintillante se eleva o pico gelado do Weisshorn, ouviam-se n'aquelle dia em tom mais tremendo do que nunca. Pareciam as vozes dos deuses irados, exigindo a morte do estrangeiro, e ninguem se atrevia a recusar. Emfim chegaram ao lugar fatal. O pobre anão foi elevado nos braços, levado á beira, e atirado no abysmo.

Feito isto todos fugiram a toda á pressa para não ver, como elles imaginaram, os seus deuses crueis agarrarem o anão.

No entretanto Zaccheo achou-se apanhado n'uma apertada fenda no lado da geleira. Voltando a si elle viu sua situação perigosa. Não podia ficar ali, o frio intenso havia de entorpecel-o e matal-o logo. Lançou os olhos para cima, e viu que era impossivel trepar por aquellas paredes ingremes e geladas. Parecia impossivel escapar, mas elle resolveu a experimentar, pela ajuda de Deus, se podia descer pela abertura estreita, e ali achar sahida. Assim fez, depois de offerecer uma pequena oração pela protecção divina. Seu livro pesado ainda suspenso ao pescoço, impedia seu progresso; devia elle tiral-o, e assim livra-se do peso? Não, antes perder a vida que perder este thesouro. Emfim quasi gelado, e meio morto do trabalho desesperado, elle chegou ao fundo do abysmo. Alli elle achou um fio de agua, formado pelo derreter do

gelo, que cobria sobre seu leito gelado. Zaccheo entrou na corrente, e caminhou lentamente, às vezes dentro da agua, às vezes fóra d'ella, até que finalmente exaustão e quasi morto, sahio da geleira, e mais uma vez viu com o coração grato e alegre a luz do sol.

A primeira ideia de muitos teria sido a de salvar a sua propria vida.

O anão podia facilmente fazer isto porque durante os longos annos que tinha passado n'este valle, familiarisára-se com todos os trilhos estreitos e veredas, e sabia o segredo de muitos escondrilos. Podia esconder-se de dia, e caminhar de noite, e assim escapar a todos os perigos, e voltar salvo para casa; mas tal ideia não cabia na alma heroica que havitava aquelle corpo disforme.

Pensou que o dever, bem como seus desejos, impellia-o para o mesmo caminho, isto é, acabar a obra para a qual tinha entrado no valle no meio d'aquelle povo pagão. Não podia cessar de fallar-lhe do Senhor Jesus e seu Evangelho, ainda que novas difficuldades se levantassem; e demais elle podia dizer que o não perder a sua vida era um milagre, como era de facto.

Com coragem inabalavel, portanto, elle se apressou em chegar à parte mais povoada do valle.

A multidão tinha voltado devagar da geleira, e muitos ainda estavam agrupados aqui e ali, fallando sobre os successos do dia. Suas roupas estavam molhadas, mas era elle mesmo, são e salvo, não havia engano; e o seu maravilhoso livro, que tinham amarrado ao seu pescoço ainda lá estava.

No principio ficaram atemorizados, como os guardas do Sepulchro quando o anjo do Senhor desceu do céu e revolveu a pedra, e o Senhor, que ha pouco viera verter o seu sangue e morrer na cruz, levantou-se do tumulo vivo e triumphante.

Os selvagens ajoelharam-se como diante de um mensageiro do céu, para adoral-o, mas Zaccheo não consentiu que beijassem seus pés, ou lhe offerecessem honras divinas.

Levantou a sua mão para impôr silencio, e disse em voz alta e alegre:

Bemdicto seja o Senhor! e que todos louvem seu santo nome. Foi Elle que livrou seu servo da morte, e tirou-o da escuridão da sepultura. Os vossos deuses falsos não merecem senão desprezo e escarneo. Ha um só Deus vivo e verdadeiro, e um Salvador que é Jesus Christo. Honrai-o e louvaio seu santo nome.

Apenas acabou de fallar quando a multidão, que se augmentava sempre, rebentou em gritos jubilantes. Os moços ergueram o anão sobre seus escudos, levantaram-no nos seus hombros e o levaram em triumpho para a casa do velho cego, enquanto os homens e as mulheres acompanhavam-nos em procissão.

Chegados à casa contaram para o chefe as maravilhas que succederam, e seu coração endurecido ficou emfim tocado. Deixou-se conduzir no meio do seu povo, e estendendo as suas mãos disse: «D'aquí em diante Jesus de Nazareth será nosso Deus, e Zaccheo será seu ministro.» Todo o povo respondeu a uma voz: —Assim seja, Jesus de Nazareth é nosso Deus, e Zaccheo é seu ministro!

Mas Zaccheo era muito humilde para tomar para si as honras que queriam attribuir-lhe. Disse-lhes que as suas enfermidades não permittiam que fosse ministro de Deus, e que elles deviam procurar quem podesse melhor ensinar-lhes as boas noticias do Evangelho.

No dia seguinte uma embaixada solemne partiu

conduzida por Zaccheo, para contar ao bispo de Sitten que o povo de Einfisch Thal tinha abandonado seus deuses falsos, e queriam acceitar o Evangelho de Jesus Christo.

Pode-se imaginar o espanto quando a procissão chegou a Raron. Zaccheo foi recebido como um heroe no serviço de Deus. Sua velha mãe abraçou seu filho com lagrimas de alegria, porque tinha sido restaurado pelo poder de Deus que elle tanto gostava de servir.

O Barão Witschard cortou alegremente seu cabello e sua barba, e á frente de seus servos, conduziu a procissão à cidade de Sitten.

O Bispo recebeu a embaixada á porta da Igreja, e pediu uma benção sobre Zaccheo, e os que o acompanhavam. Escolheram o anão para ensinar-lhes a palavra de Deus, e acompanhado por outros catechistas elle logo voltou ao Einfisch Thal.

A boa obra caminhou sem impedimento algum. A catechese principiou immediatamente, e no anno seguinte, o velho chefe e quasi toda a tribu foram baptisados no rio Usenz. Uma bonita aldéa no valle ainda tem o nome de «Missão» em lembrança da obra feita por Deus neste lugar, e a aldéa occupa o lugar onde o povo viu Zaccheo pela primeira vez depois de sahir da geleira. Nós, nestes ultimos dias, podemos tambem honrar e louvar o intrepido anão que não amou a sua vida demais para arriscal-a para o bem de seus semelhantes; e que, á força de uma fé firme em Deus, pelejou uma boa peleja, e ganhou uma gloriosa victoria.

NOTICIARIO

UMA GENTILESA DA INQUISIÇÃO

Teve um dia Philippe II, de Hespanha, a feroz curiosidade de ver um auto de fé; muitos infelizes deviam ser queimados n'esse dia e todos elles passaram pela frente do palacio real. Não pôde el-rei deixar de commover-se á vista d'um de singular belleza e mocidade, e exclamou em alta voz: «*forte penal*» Ouvidas estas palavras por um familiar do Santo Officio, foi immediatamente denunciado ao Inquisidor geral; apresenta-se este no dia immediato a el-rei, e atrevidamente lhe dirigiu estas palavras:

«Ao passar hontem a procissão deu V. M. logar a um grande escandalo, lamentando a sorte d'um desgraçado que a Inquisição acabava de condemnar a ser queimado; este escandalo pôde ser fatal ao Santo Officio, e diminuir o respeito que se deve prestar ás nossas sentenças, que sempre se devem considerar justas.»—«Sinto muito haver tal feito, respondeu o rei, mas agora já não tem remedio.»—«Tudo se pôde remediar ainda, lhe retorquiu o Inquisidor, se V. M. permittir que lhe tirem do braço duas ou tres gotas de sangue, e que estas sejam queimadas em publico pelo executor do Santo Officio.»

Filippe II annuo a tal proposta!

ESTATISTICA RELIGIOSA DE INGLATERRA

Ha actualmente em Inglaterra 45:000 egrejas, capellas e logares de oração, onde podem caber de 14 a 15 milhões de pessoas. O numero de ministros é de

37:000, dos quaes estão unidos á Egreja Anglicana 23:000. Ha além d'isto o duplo de evangelistas, prégadores etc., entre os quaes 36:000 pertencem á egreja methodista. Sobre a 3 milhões o numero dos comungantes; cerca de 10 milhões frequentam o culto todos os domingos, e cerca de tres milhões e meio de creanças frequentam as escholas dominicaes. Cada domingo se prégam, pelo menos, 80:000 sermões, isto é mais de 4 milhões d'elles annualmente. Ha, termo medio, um pastor para 700 pessoas ou 140 familias; um logar de culto para cada 500 almas ou 100 familias. As despezas do culto sobem annualmente a uma somma importantissima.

MAIS CINCO DESILLUDIDOS

Dizem os jornaes dos Estados Unidos que os sacerdotes catholicos romanos Mac Namara, O Connor, O Hare, Guinar e Mulsem abandonaram a *Egreja Romana* e principiam um *culto evangelico* em Standart Hahl. Celebram todos os domingos tres cultos publicos que são muito concorridos. O sacerdote Mac Namara foi nomeado bispo, affirmando n'essa occasião que *a fê da Egreja Romana é uma fraude que tem por unico fim obter o dinheiro dos pobres.*

Isto vai com vista á *Palavra* que não ha dia nenhum que não diga — «que o protestantismo é uma planta carcomida que pouca ou nenhuma vida tem.»

Risum teneatis!

MERECEM SER IMITADAS

Algumas mulheres em Voeltis S. Gall, na Suissa, acabam de fundar uma associação com o fim de reprimir o mau costume de fallar da vida alheia.

N'este paiz, para cada freguezia tornava-se precisa uma associação identica.

JUSTISSIMA HOMENAGEM

Na Allemanha já começaram os preparativos para a celebração do quarto centenario do nascimento de Lutero em 1483.

Far-se-hão sumptuosas festas no castello de Wartburg. O doutor Kauster, burgomestre de Eisenach, foi nomeado presidente da commissão encarregada dos festejos.

Este castello passa na Allemanha por um dos mais bellos monumentos do estilo romano. Lutero, ao regressar de Worms, fez alli a sua residencia, accedendo aos rogos de Frederico o sabio, e ahí trabalhou desde 4 de maio de 1521 até 6 de março de 1522 na traducção allemã da Biblia.

Ainda se conserva n'esse castello a capella onde Lutero prégou, assim como o seu gabinete de estudo.

A RESPEITO DA IRLANDA

Acaba de apparecer ultimamente em Londres um opusculo que vem derramar muita luz sobre a questão que tem trasido tam agitada a Irlanda.

Eis alguns dos seus periodos:

«Alguns dizem, e muitos creem, que os irlandezes foram *sempre romanistas*; porem a historia ensina que a Irlanda gosou a benefica luz do Evangelho, um seculo antes que a Escossia, o qual foi prégado na Bretanha e Gallia nos seculos V e VI por missionarios irlandezes. A antiga egreja irlandeza não esteve sujeita ao Papa, até 1172, anno em que o paiz foi conquistado por Henrique II de Inglaterra. O cardeal Baronio diz que em 565 todos os bispos irlandezes eram scismaticos. Em 670 os mesmos bispos recusavam ser ordenados por prelados romanos; no seculo VII o arcebispo Lawence chamou-lhes hereges e scismaticos, porque discordavam muitissimo da Egreja romana acerca do jejun, baptismo, ordens menores, communhão em ambas as especies, orações pelos defunctos etc.

Em 1135 o papa Adriano expedio uma bulla concedendo a soberania da Irlanda a Henrique II, com a condição de que elle obrigasse a egreja irlandeza a submeter-se a egreja ingleza, que n'aquella epocha, era papista. Henrique fez o que o Papa lhe pedio, e com a espada na mão introduzio o romanismo entre o povo irlandez. Este recusou por muitos annos aceitar o legado do papa, que afinal foi admittido em 1139, protegido por Henrique.

Driscoll, historiador catholico romano, diz que «o primeiro acto de Henrique II foi reduzir a egreja irlandeza á obediencia do pontifice romano. Para este fim celebrou um concilio do clero irlandez em Cashel em 1172, que acabou com a antiga egreja irlandeza submettendo-a á egreja romana.»

Até aqui os historiadores romanos.

Outros historiadores confirmam o facto e dizem que no chamado concilio de Cashel foram invocadas todas as leis canonicas da egreja nacional e substituidas pelos costumes e usos da egreja romana. O povo foi obrigado a aceitar o culto latino. Roma não lhe deu a Biblia, porem deu-lhe em troca o missal romano, e de mais a mais em latim. Passado certo tempo a nação irlandeza e ingleza cahio em completa ignorancia religiosa, e os irlandeses se tornaram tam leaes ao papa, como antes o haviam sido á Biblia.

O BISPO DO MARANHÃO

Lê-se no «Pregador Christão», do Rio Grande do Sul:

Não somente houve um tumulto na matriz de Pelotas durante a Semana Santa, mas tambem em outros lugares, e especialmente na cidade de S. Luiz do Maranhão na quinta feira de Endoenças.

O Bispo tendo reprehendido a irreverencia de uma parte dos *fieis*, mandou retirar o «Sacramento» que estava exposto; tanto bastou para que se levantasse grandes desordens: o «Santo Sepulchro», foi desmanchado: os vasos e candelabros lançados por terra, as velas apagadas e a gritaria era immensa e inexcedivel a confusão. Depois o bispo foi por tres vezes apupado.

Quem tem a culpa é a propria Egreja de Roma, porque a exposição de imagens e a adoração de san-

tos não beneficiam um povo, e os *fiéis* pela maior parte, vão aos templos não para adorar a Deus, mas, nos dias de festa, ver o pagode.

Esta é uma triste verdade: e nós appellamos para todos os nossos leitores, se não é, infelizmente assim.

SUA MAGESTADE PROTESTOU

O *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro de 18, em sua gazetilha, *Viagem Imperial*, dá uma missiva de seu correspondente, datada do collegio Caraça, 12 de abril, da qual extrahimos o seguinte:

«Vou referir um facto que se deu aqui na aula de theologia e direito canonico, que é regida pelo padre lazariista João Chanaval. Fal-o-hei sem commentarios porque é um verdadeiro ferro quente no qual não porei a mão. Foi assim: O professor arguindo n'aquella aula um alumno, perguntou-lhe quantos poderes conhecia. O alumno respondendo que o civil e o ecclesiastico, accrescentou que ambos eram independentes, mas que o primeiro era sujeito ao segundo; adduzindo o professor que o poder civil estava sob o ecclesiastico por vir este de Deus. Sua magestade declarou que protestava contra esta doutrina, na qualidade de representante do poder civil e por ser ella contraria á constituição do Estado.»

Por ahí bem se pôde ver o que querem os ultramontanos, e o que ha de querer a nossa futura imperatriz Izabel, apesar do protesto do sr. D. Pedro II.

Em data subsequente e sob a epigrapho — o *Pião á unha*:

Já trasladamos para estas paginas o trecho do correspondente do *Jornal* que acompanha o imperador, referente ao protesto que fez sua magestade quando ouviu no collegio Caraça um alumno dizer que o poder civil era sujeito ao poder ecclesiastico. Declarou sua magestade que protestava contra esta doutrina, na qualidade de representante do poder civil e por ser ella contraria á constituição do estado.

Pois bem, o *Brazil Catholico* já tomou o pião á unha, transcreve a noticia e formula desde logo as seguintes observações:

«Ora, até que afinal! Se é exacta, como cremos, a versão do correspondente do *Jornal do Commercio*, temos hoje a chave do enigma do conflicto religioso, sabemos o que pensava então s. m. o imperador e tudo fica explicado, demonstrado e claro como a luz meridiana.

Com o devido respeito vamos tomar em consideração o protesto de s. m. o imperador, e veremos ainda com o mais profundo respeito devido á sua sagrada pessoa que s. m. não está com a verdade e que o seu protesto é um ataque á independencia da Igreja Catholica Apostolica Romana, que é a igreja do Estado, segundo estatue a nossa constituição.

O protesto de s. m. o imperador não pôde passar sem o devido reparo da imprensa catholica, zelosa da verdadeira doutrina, coherente com os seus principios, e que sabe cumprir o seu dever, pondo á margem todo o respeito humano. Trataremos do assumpto opportunamente.»

OFFICIOS DIVINOS

PORTO — Largo do Coronel Pacheco — Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 $\frac{1}{2}$ da tarde. Todas as quintas-feiras ás 8 horas da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite. N'esta Igreja ha aulas diarias gratuitas para alumnos de ambos os sexos.

Rua de Malmerendas, 102 — Todas as quartas-feiras ás 7 $\frac{1}{2}$ horas da noite, e todos os domingos ás 4 $\frac{1}{2}$ da tarde.

VILLA NOVA DE GAYA — Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 $\frac{1}{2}$ da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA — Igreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. — Todos os domingos ás 11 $\frac{1}{2}$ da manhã e 6 $\frac{1}{2}$ da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Igreja Presbyteriana Portuguesa, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes. — Culto e prégação do Evangelho todos os domingos ás 3 $\frac{1}{2}$ horas da tarde e todas as quintas-feiras ás 6 $\frac{1}{2}$ horas da noite. Aula biblica para adultos e escola dominical para a infancia, todos os domingos ás 10 horas da manhã. Pelo mesmo ministro, culto e prégação do Evangelho todos os domingos ás 6 $\frac{1}{2}$ da noite, na casa de culto, filial á mesma igreja, na Travessa de Santa Catharina n.º 7, loja.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º. — Ministro, Manoel dos Santos Carvalho. — Todos os domingos ás 11 $\frac{1}{2}$ da manhã e 6 $\frac{1}{2}$ da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos ás 10 da manhã. Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite. Estudo sobre a Sagrada Escripura, todas as terças-feiras, á mesma hora.

Igreja Lusitana episcopal Reformada — Congregação de S. Pedro, rua da Conceição á Praça das Flores n.º 14. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação de Jesus, rua de S. Marçal. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quartas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação de S. Paulo, rua Occidental da Moeda, 123—7.º. Todos os domingos ao meio dia e 7 da tarde, todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação da Santissima Trindade, Rio de Mouro. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 4 da tarde, todas as quintas-feiras ás 2 da tarde.

ANNUNCIOS

DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

- Lucilia, ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.
 Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.
 A Joven Aldeana, 48 pag.—40 reis.
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.
 Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.
 Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.
 O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.
 O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.
 O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.
 Um homem que matava os seus visinhos. 23 pag.—30 reis.
 Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.
 André Dunn, 77 pag.—40 reis.
 Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40, 110, 130 e 140 reis.
 Devocionarios, 30 pag.—20 reis.
 Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.
 Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.
 O menino da matta, 32 pag.—30 reis.
 Jessica, 43 pg.—40 reis.
 O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.
 A doutrina da Igreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.
 Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.
 Sou christão? como o posso saber? 92 r.—60 reis.
 O que é um sacramento? 44 pag.—30 reis.
 O culto domestico, 48 pag.—20 reis.
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.
 Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.
 O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.
 Como lês tu? 40 pag.—30 reis.
 O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.
 O vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.
 A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.
 Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.
 Um livro maravilhoso, 22 pag.—10 reis.
 G amor de Deus, 8 pag.—10 reis.
 Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.
 Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.
 Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.
 «O Amigo da Infancia» sae cada mez; por numero 10 reis (com lindas gravuras) e em volumes encadernados a 160 reis cada um.
 Um sortimento de livros em inglez, a varios preços.
 Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.
 Manual Biblico, com mappas, 393 pag.—500 reis. Encadernado.
 Leituras para escholae, 252 pag.—400 reis. Encadernado.
 Rapaz do realejo, 131 pag.—120 reis.
 Gravuras a 60 reis.

Expedem-se estas publicações, franco de porte.

Depositos onde se acham á venda as Sagradas Escripturas

LISBOA—Janellas Verdes n.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA—Rua das Pretas, 72.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalms, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO CORONEL PACHECO

CAPELLA EVANGELICA

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura—(paga adiantada). Anno 480, semestre 240 reis; para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º, 2.º e 3.º anno: para a cidade custa cada uma 240 reis, e para as provincias, 250.

São agentes da REFORMA, em Lisboa os ill.^{mos} srs. Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5—2.º — José Gregorio Baudoin—rua do Sacramento á Pampulha, 42, 2.º—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo 23, loja de mercearia.

EDITOR RESPONSÁVEL—P. G. DIAS DA CUNHA

Porto—Typ. Occidental, Rua da Fabrica, 66.